

**DARKVISION**

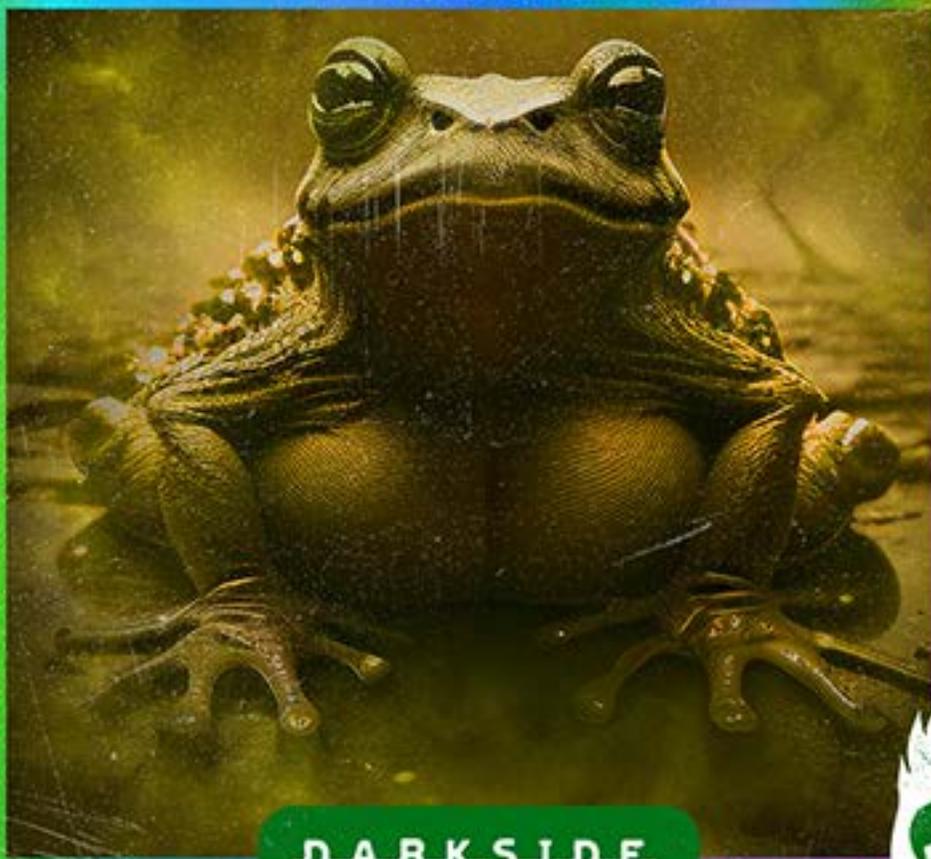
APRESENTA

UM CONTO DE NATAL

# DARK

CANÇÃO PARA UM ANFÍBIO

TALITA GRASS



DarkSide® Entretenimento Ltda.

DARKSIDE

TERRORBR

©2022





**DARKVISION**  
APRESENTA

UM CONTO DE NATAL  
**DARK**  
DARKSIDE

**TALI GRASS**

# CANÇÃO PARA UM ANFÍBIO

**TALI GRASS**

Nas últimas semanas, Natália estava se sentindo cansada demais.

Refém de uma fome incontrolável, precisava levantar duas ou três vezes durante a noite para fazer pequenos lanchinhos, também já havia esvaziado os armários em que guardava uma infinidade de doces e chocolates, que eram devorados em poucas horas. Sem compreender o próprio corpo, perdera noites de sono tentando espantar os pensamentos nervosos.

Ela até queria não se assustar com as pontadas metálicas que sentia na barriga, mas eram tão frequentes que causavam náusea. Natália temia uma gravidez — ainda não se sentia pronta para a maternidade —, mas tinha certeza de que nenhuma camisinha fora rompida nas últimas relações casuais que manteve nos poucos dias de folga que conseguia na loja. Era final de ano, a cidade inteira borbulhava de pessoas ensandecidas por presentes e artigos de decoração.

Embora seu nome fosse uma clara referência ao Natal, ela não nutria nenhum apreço pela festividade. No entanto, há quase dois anos, durante o mês de dezembro, Natália trabalhava nessa loja de decoração natalina — um trabalho que considerava medíocre, mas que salvou seu orçamento e não deixou que a geladeira ficasse vazia. Outro motivo para temer a maternidade. Sustentar uma criança e prover todas as necessidades de um pequeno ser humano com o que recebia? Impossível.

Faltando pouco menos de três semanas para o Natal, em meio aos corredores da loja cheios de luzes piscantes, bolinhas prateadas e laços vermelhos, as fisgadas metálicas voltaram a atacar sua barriga. Natália suou frio, sentiu náusea; uma bile azeda subiu pela garganta e as canções de versos repetidos e otimistas, tocadas em volume altíssimo nos corredores da loja, lhe causaram uma forte vertigem. Sem saber como agir, uma das colegas tentou segurar seu corpo já um pouco mole, enquanto outra secou seus lábios sujos da gosma que expelia. Em poucos minutos de gritos, colegas agitados e clientes assustados, Natália perdeu a consciência e derreteu no piso frio.

As luzes vermelhas da ambulância misturaram-se às lampadinhas luminosas e aos laços rubros, naquela confusão toda não era possível distinguir o que era decoração e o que era emergência, o que era festa e o que era doença. Natália foi carregada na maca gelada e, aos poucos, depois de alguns procedimentos iniciais, abriu os olhos. Os enfermeiros disseram algumas palavras de incentivo, perguntavam seu nome, colocaram lanterninhas em seus olhos. *Malditas luzes*. Mesmo irritada, Natália foi respondendo bem aos primeiros socorros.

Ampolas de sangue, aferições de pressão, exames de urina. Tudo dentro da normalidade e sem nenhuma gravidez. Então aquilo só podia ser estresse. A médica plantonista, ainda um pouco desconfiada, pediu que Natália ficasse mais algumas horas em observação. Ela acatou ao pedido e passou o restante da tarde naquele hospital de paredes azuladas, que não deixava de ser um respiro em meio ao caos vermelho e luminoso das últimas semanas.

De volta em sua casa, já aconchegada na cama, pensou ter ouvido um leve coaxar. Temendo ir ao banheiro e dar de cara com um sapo gigante e gosmento pelo caminho, segurou o xixi até de manhã. Logo que

acordou, andou devagarinho pela casa, mas não encontrou nada estranho. O barulho ainda parecia ecoar, mas podia ser uma falsa impressão, Natália ainda se sentia um pouco zonha por efeito das medicações do dia anterior. No chuveiro, fechou os olhos e deixou a água escorrer pelo rosto. Estava tão cansada de tudo, das lojas, das movimentações, das dores estranhas, das luzes vermelhas. Podia mesmo ser uma monstruosa crise de estresse, pensou enquanto enchia as bochechas de água e cuspiu tentando acertar o ralo do banheiro.

Nessa brincadeira, engoliu um pouco de água e sentiu o líquido morno borbulhar em seu estômago, ouviu por dentro o mesmo som que os garrafões de água fazem na cozinha no meio da noite, um *glurp*. Natália ficou assustada, mas foi tão rápido que mais pareceu uma sensação, aquelas coisas estranhas que as pessoas sentem quando estão ansiosas demais. O mais difícil era que a cada dia tais sensações aumentavam, inclusive aquele som de coaxar nas madrugadas. O desconforto já estava atrapalhando sua rotina, fazendo ela duvidar da própria sanidade. Não podia deixar que isso tudo piorasse. Se fosse preciso iniciar algum tratamento, ela iniciaria, se fosse preciso tomar remédios, ela os tomaria. Também decidiu que antes do Natal iria buscar um especialista e fazer todos os exames necessários para descobrir as causas daquelas dores, tonturas e apetite incontrolável.

Enquanto a médica escolhida realizava uma ecografia, Natália soltou um leve suspiro ao sentir o geladinho do metal encostar em sua barriga e o gel espalhar-se em sua pele. O aparelho começou a percorrer seu abdômen inferior, mas a médica não apresentava qualquer preocupação aparente. Assim que o aparelho passou ao abdômen superior, o semblante da profissional mudou. E mudou um pouco mais quando Natália ouviu a musiquinha natalina da recepção e ganhou novas pontadas em sua barriga. Nos segundos finais do exame, Natália já estava se contorcendo de dor.

Mesmo saindo em caráter de urgência, o resultado não foi conclusivo e apenas registrou algumas anormalidades anatômicas na região. No entanto, Natália foi encaminhada para realizar uma endoscopia — exame chato e incômodo. Ela odiava pensar na sedação que a deixaria mole,

no tubo de longos centímetros que entraria arranhando por sua garganta, nas pessoas que invadiriam seu corpo enquanto ela estava desacordada e impotente. Mas desistir não era uma opção, qualquer coisa seria melhor do que viver mergulhada naquele pântano de sensações desconhecidas.

Engolindo a saliva com força e esfregando os olhos com a ponta dos dedos, Natália acordou sem qualquer lembrança do que havia acontecido. Ao seu redor, uma junta médica havia se reunido enquanto aguardava o seu despertar. A mulher baixinha, o senhor ruivo barbudo, o moço alto de lábios grossos, todos eles estavam com o rosto tensionado, como se fossem guardiões de uma informação dificilmente compreensível. Depois de alguns pigarros e anotações em planilhas, o senhor ruivo e barbudo deu um passo em direção à maca. Os outros se mantiveram onde estavam, gratos pela coragem do colega. O senhor ruivo narrou em detalhes todo o procedimento do último exame realizado, como se quisesse ganhar tempo e fôlego para dizer o que precisava. Quando, enfim, explicou tudo, Natália precisou pedir para que repetisse. Não era o tipo de notícia que ela esperava, ou que pudesse considerar real. Em sua mente, a maior possibilidade é que se tratasse de um sonho delirante causado pela sedação. *Maldita sedação.*

Mas ele repetiu várias vezes, explicando de outras formas para que ela conseguisse entender o que nem mesmo eles entendiam.

Como foi parar lá ninguém soube dizer, mas uma vida anfíbia havia se alojado nas entranhas estomacais da mulher. Esse tempo todo, o coaxar que ecoava pelo apartamento estava, na verdade, mergulhado em seu suco gástrico e preso nas paredes de seu estômago — tão preso que qualquer procedimento cirúrgico poderia colocar a vida de Natália em risco. Com a explicação médica, ficou claro que algumas coisas entram nas pessoas de tal forma que, para retirar, apenas arrancando a própria carne junto. Além disso, o anfíbio parecia ter personalidade — disseram os médicos —, porque se revirava apreensivo quando estava nervoso e parecia adormecer quando se acalmava. A solução, então, era manter o anfíbio o mais relaxado possível, uma vez que qualquer movimento intenso ou alimentação inadequada poderia influenciar em seu comportamento. Sem chances de uma remoção segura, não restava nenhuma outra opção a não ser acolher o invasor.

Natália fez o possível para que a criaturinha dentro dela ficasse calma. *Então era mais ou menos assim que uma gestante se sentia?* Ela não imaginava que fosse tão difícil dividir o próprio corpo com outro ser. O sono era intranquilo, o despertar era irritado, ela já havia ganhado peso por devorar tantos doces na tentativa de acalmar o anfíbio, que logo nas primeiras notas de qualquer musiquinha natalina já mostrava seu humor azedo. *Nisso somos parecidos*, Natália pensava. Por fim, afastou-se da loja de decorações e passou os dias em casa, em silêncio, contando com doações dos colegas piedosos para sobreviver ao pesadelo que havia se instaurado em seu próprio corpo.

Na hora do banho, uma das mais desesperadoras, o bicho ficava excitado ao ouvir o barulho da água, então iniciava-se uma sequência de náusea, pontadas metálicas e incontáveis *glurps* que a faziam parecer uma mulher possuída. Se ingerisse medicamentos para apaziguar a dor, os desconfortos aumentavam — o anfíbio também não gostava de cápsulas gelatinosas, antiácidos e xaropes. Todos os dias Natália buscava por alguma explicação, sem conseguir compreender como havia parado ali, praticamente gestando aquele sapo desgraçado. Desde a chegada do anfíbio, sua vida havia se transformado por completo e, olha só: ela chegava até mesmo a sentir saudade da loja, dos laços vermelhos e das luzinhas piscantes que outrora irritavam tanto seus olhos. Festas, banquetes ao redor da mesa, famílias reunidas, presentes... nada disso era tão irritante quanto ser refém de um sapo penetrado em seu estômago.

Na manhã que antecedia a noite de Natal, Natália decidiu sair de casa e ir ao mercado. Comprou uvas, panetões de frutas, espumante, alguns legumes, castanhas açucaradas, fitas vermelhas. Na fila do caixa, em uma gôndola lateral, apanhou uma caixinha de luzes piscantes. O bichinho imediatamente tremelicou em seu estômago, a bile subia e ela a engolia, fechando os olhos para apaziguar o gosto de ácido. Estava decidido, nunca mais sentiria ódio daquela data.

Em casa, arrumou tudo com esmero. Os cômodos cheiravam a castanhas e frutas, na janela os laços e luzes coroavam a noite chuvosa. Faltavam dez minutos para o Natal, e ela serviu uma generosa taça de

espumante, sentou na poltrona da sala e começou a cantarolar. *Brilha, brilha, lá no céu.* Bebeu um gole do líquido alcoólico e sentiu uma pontada no estômago. *A estrelinha que nasceu.* A bile subiu. *Logo outra surge ao lado.* Era tão azeda que precisou cuspir. *Fica o céu iluminado.* Mesmo se afogando em tanto suco gástrico, ela não parou de cantar. *Brilha, brilha, lá no céu.* O líquido amarelo escorrendo de sua boca, o anfíbio derretendo por dentro e ela por fora, mas seus lábios nos últimos balbucios. *A estrelinha que nasceu.*

**TALI GRASS** é escritora, revisora, preparadora de textos e editora. É formada em Letras e trabalha com palavras há mais de 10 anos. Como preparadora de textos e editora, cuidou de obras como *Jim Jones Profile: Massacre em Jonestown*, *Medicina Macabra 3*, *A Dama e a Criatura* e a coleção dos *Livros de Sangue*, todas publicadas pela DarkSide® Books. Como autora, já publicou histórias na revista *Café Espacial*, na qual também é conselheira editorial, e por sua publicação independente *Cordélia*, lançada em 2020, recebeu o 33° Troféu HQMIX na categoria Novo Talento Roteirista.



UM CONTO DE NATAL  
**DARK**  
DARKSIDE

[DARKSIDEBOOKS.COM](http://DARKSIDEBOOKS.COM)